

Camponês

Orgão de Unidade dos Camponeses



Por vontade do salazarismo, a situação das classes trabalhadoras seria ainda mais trágica. A mentalidade dos fascistas é a daquele grande senhor germanófilo alentejano que dizia: «só acredito que os pobres passem fome quando os vir a comer palha». Mas decididamente o povo português não se tem mostrado disposto a proporcionar esse espectáculo aos fascistas.

De «O Caminho Para O Derrubamento Do Fascismo».

GES
PCP

SÓ A REFORMA AGRÁRIA DEMOCRÁTICA

acabará com a miséria nos campos!

Façamos Barreira à Repressão

Uma violenta onda de repressão acaba de ser desencadeada pelo bando de assassinos às ordens de Salazar contra as forças democráticas do nosso país, em especial contra o glorioso **PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!**

As forças anti-fascistas acabam de ser profundamente atingidas — **ALVARO CUNHAL, MILITÃO RIBEIRO** e mais cinco valentes lutadores e lutadoras, quatro dos quais trabalhavam na tipografia do nosso querido e heroico companheiro de luta, o «**AVANTE!**» caíram nas garras assassinas da P.I.D.E!

Os fascistas não escondem o seu furor pelo papel de direcção que o Partido Comunista tem tido na condução das lutas do nosso povo, quer no terreno político, pela liberdade e pela independência da nossa pátria, quer no terreno económico, pela conquista de melhores condições de vida para o povo português. Os traidores salazaristas não ignoram a clarividência política daqueles dirigentes queridos do Partido Comunista e o papel destacado do «**AVANTE!**» e de toda a imprensa do nosso Partido no desmascaramento da sua política de miséria, de terror e de traição nacional. Salazar sabe muito bem que não poderá arrastar o país para uma criminosa guerra de agressão à U.R.S.S. ao serviço dos interesses de rapina dos imperialistas anglo-americanos enquanto existir a indestrutível fortaleza que é o **PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**. Daí a raiva feroz com que procura aniquilá-lo, prendendo os seus dirigentes mais queridos e tentando abafar a voz da sua imprensa, que é a própria voz da nação oprimida.

Apesar dos duros golpes sofridos, o Partido Comunista não será aniquilado. A Direcção do nosso Partido continua no seu posto de combate e, sem qualquer interrupção, a voz do «**AVANTE!**» continuará a mobilizar as massas do nosso povo contra a criminosa política de Salazar!

O mesmo não poderemos dizer em relação às vidas dos heroicos combatentes agora caídos nas garras da P.I.D.E. — **Alvaro Cunhal** está gravemente doente, **Militão Ribeiro** tem a saúde arruinada pelos longos anos passados nas prisões salazaristas, dos quais mais de cinco no sinistro Campo de Concentração do **TARRAFAL** e **António Lopes** sofre de uma doença pulmonar, contraída na dureza da vida clandestina. Os fascistas procurarão aniquilar **Alvaro Cunhal** — uma das mais vigorosas inteligências nacionais ao serviço do povo português — e os outros camaradas presos, sujeitando-os a torturas e enviando-os para o maldito **TARRAFAL**, se uma intensa campanha pela libertação destes heroicos anti-fascistas não impedir os assassinos da P.I.D.E. de levarem por diante os seus intentos.

«O **CAMPONÊS**» ao chamar os camaradas camponeses e camponesas à luta pela libertação de **Cunhal** e **Militão**, aponta a contribuição decisiva do Partido Comunista e destes dois queridos dirigentes para o combate aos exploradores fascistas, guiando os camponeses no caminho da **UNIDADE** e da **LUTA** como única forma de nos libertar da opressão do salazarismo e dos grandes senhores da terra. Camaradas camponeses e camponesas! Protestemos contra a prisão dos sete patriotas exigindo a comunicabilidade imediata para todos, e responsabilizando o governo pelas suas vidas! Que milhares de cartas caiam sobre as autoridades fascistas e que milhares de inscrições cubram as estradas e as paredes do país exigindo um tratamento humano para os camaradas presos!

HA QUE IR BUSCAR O PÃO ONDE ELE O HOVER

A crise de trabalho nos campos do Alentejo e do Ribatejo não poderá ser liquidada completamente enquanto a actual divisão da propriedade existir no nosso país e a frente do poder se encontrar um governo que faça o frete aos grandes lavradores, votando ao mais completo desprezo as massas trabalhadoras do campo, como faz o governo salazarista.

Nós, camponeses, devemos partir desta certeza para melhor orientarmos a nossa luta contra o desemprego e obrigarmos o salazarismo e os grandes agrários a realizarem aquelas medidas mais urgentes para resolver a nossa plitativa situação.

No ano que está decorrendo há que esperar um novo e sério agravamento das duras condições de vida das massas camponesas. Tal agravamento é devido, em primeiro lugar, às criminosas importações maciças da batata e do trigo e a criminosa política de preços realizados pelo salazarismo. Empobrecidos e arruinados os pequenos e médios lavradores não puderam arcar com os encargos das sementeiras ou perderam pura e simplesmente as suas terras. Por sua vez os grandes agrários, mais interessados na cultura do montão e na criação de gados do que na cultura cerealífera, deixaram criminosamente incultas nos seus latifúndios, mais extensas áreas de boa terra de semeadura. E a acrescentar a tudo isto

as condições desfavoráveis do tempo, vieram trazer novas dificuldades.

Quere dizer: este conjunto de coisas provocou uma grande redução da área cultivada e reduziu mais ainda a possibilidade de emprego dos braços camponeses.

Isto significa que se aceitássemos este estado de coisas, os nossos filhos estariam condenados a morrer de fome e a nossa vida seria um inferno de miséria e de exploração. É esse o desejo dos grandes agrários, como o Joaquim Rosado Fernandes que o disse numa entrevista aos jornais e os Nunes Mexia, Mira Gaivão, Figueiroa Rego, Rui de Andrade, Melo Machado e toda a seita de latifundiários que na Assembleia Nacional fascista se esforçam por fazer a vida negra às famílias camponesas. Mas nós, camaradas camponeses e camponesas, temos uma arma poderosa uma arma que obrigará a pagar as consequências da crise aos bandidos que a provocaram — os homens do governo e os grandes lavradores seus protegidos. Com essa arma temos impedido uma maior baixa nas jornas e obrigado o governo e os agrários a abrirem trabalhos e a concederem subsídios para os sem trabalho. Essa arma camaradas camponeses e camponesas, é a nossa **UNIDADE COMBATIVA** e com ela obteremos novas vitórias até à liquidação total dos exploradores fascistas. Unidos forcaremos o

A situação a que o salazarismo reduziu as massas camponesas assume hoje aspectos da mais negra tragédia.

Milhares de famílias dos trabalhadores rurais estão condenadas a morrer de fome, vítimas do desemprego e da vil exploração dos grandes agrários fascistas, ao passo que aqueles que amanhã um pedaço de terra de renda ou de parceria, e que a desbravam com o seu suor, são obrigados a abandoná-la por não poderem com os encargos do cultivo, e que, finalmente, os possuidores de pequenas courelas, que lhes foram legadas pelos seus avós ou obtidas à custa de penosos sacrifícios são forçados a vendê-las ao desbarato ou a passá-las para as garras dos agiotes e dos agentes do fisco. A política salarista, com todo o seu cortejo de salários miseráveis e de desenfreada exploração dos que trabalham; de pesadas contribuições e de tabelamentos injustos para o produtor; de desprezo pelos interesses da pequena e média lavoura e de descarada protecção aos grandes lavradores, é a causa principal do agravamento da situação das massas camponesas.

Porém, o mal de raiz da grande miséria que reina nos campos e da crise que roi a agricultura nacional, tem a sua origem na injusta repartição das terras, a qual sob o reinado do salazarismo,

mais e mais se tem agravado em benefício dos ricos possuidores. Mais de meio milhão de camponeses não têm de seu um palmo de terra e milhares doutros não possuem dela senão uma pequenissima parcela, enquanto umas escassas dezenas de parasitas, alheios às preocupações da produção e do amanho das terras, possuem grandes herdades, algumas com milhares de hectares, votadas numa grande parte aos longos prazos e ao montado e com grandes áreas abandonadas ao inulto.

Por exemplo: o latifundiário Samuel dos Santos Jorge, possui terras num total de 28 mil hectares, ou seja, uma área maior que todo o concelho de Riomaior que tem 27.740 hectares e 16.376 habitantes e onde existem 6.503 proprietários: a família do Rui de Andrade possui terras num total de 24 mil hectares, ou seja, uma área maior que todo o concelho de Montemor-o-Velho que tem 25.500 hectares e 27.912 habitantes e onde existem 12.667 proprietários; quer dizer: só estes dois grandes agrários têm mais terra que os 19.170 de Riomaior e Montemor-o-Velho reunidos.

Assim uma das primeiras tarefas do regime democrático que sairá infalivelmente das lutas do nosso povo, tem de ser a revisão total do sistema de propriedade, a consequente liquidação do latifúndio e a distribuição das terras dos grandes agrários fascistas pelos camponeses sem terra, trabalhadores ou rendeiros, e pelos pequenos proprietários.

Eis porque a questão da reforma agrária democrática tem de ser desde já uma bandeira de luta das massas camponesas pela Democracia, como única forma de acabar com a fome e o desemprego nos campos e de solucionar a crise da agricultura nacional.

Só a reforma agrária democrática dará aos camponeses a terra, a ajuda técnica, os adubos os adubos e as sementes seleccionadas, créditos baratos e a longo prazo e a garantia dum preço compensador para os seus produtos.

É porque sabem isto que os grandes agrários se mostram como os principais defensores do regime anti-popular e anti-nacional de Salazar.

cometermos actos isolados, mas sim de juntarmos todos os explorados do campo, homens, mulheres e crianças e arrancarmos aos grandes senhores da terra aquilo que nos faz falta! Para a frente, pois, cada vez mais unidos e combativos contra a miséria e a exploração fascistas.

O terror e a demagogia dos fascistas não conseguirão desviar as massas camponesas do caminho da luta pelas nossas reivindicações imediatas.

Quando os trabalhadores se convencem de que não há outra saída para obrigarmos os exploradores a arripar caminho e quando compreendemos que os nossos interesses são solidários, a nossa unidade tempera-se cada vez mais na luta e as nossas reivindicações são atendidas. Mas quando nos deixamos adormecer nas vagas promessas do salazarismo e dos grandes agrários, a nossa situação piora e os causadores da fome camponesa manobram mais facilmente para nos reduzir à condição de escravos.

Contra a nossa unidade, contra a unidade de todos os camponeses e camponesas, as manobras dos nossos exploradores serão impotentes. A nossa situação piora dia a dia mas também dia a dia nos levantamos contra a miséria, o desemprego e a exploração do salazarismo e dos grandes lavradores e os obrigamos a tomar medidas que nunca seriam tomadas se não fossem arrancadas pela nossa luta.

Os camaradas de REDONDO assim acabam de o verificar.

Antes das eleições-burla de 15 de Fevereiro a Câmara deu trabalho a 600 trabalhadores desempregados. Os fascistas da Câmara inscreveram todos os seus nomes nos cadernos eleitorais e no dia da eleição descarregaram os votos de todos eles. Porém a seguir ao dia 15 todos foram despedidos. Em face disto os camponeses de REDONDO em número de 250 concentraram-se na Câmara por exigindo providências, mas como aqui não resolvessem a situação dirigiram-se todos à Câmara onde o presidente não lhes deu qualquer solução. Então os camponeses nomearam uma comissão de unidade que, em nome de todos, se dirigiu à Évora ao delegado do I.N.T. a quem exigiram que fosse dada solução à sua aflitiva situação. Os trabalhadores retiraram com a promessa de que tudo seria resolvido. Ao fim de 5 dias como a situação se mantivesse na mesma todos os camponeses, com a sua comissão de unidade à frente, se concentraram de novo na Casa do Povo e exigiram que os presidentes da Direcção e da Assembleia Geral acompanhassem a comissão a Évora junto do governador civil e do delegado do I.N.T. Depois de reclamarem junto destas autoridades foram aberto trabalhos pela Junta Autónoma das Estradas e pela Hidráulica onde todos os trabalhadores foram empregados com uma jorna de 18\$00. Os camponeses de Redondo souberam orientar acertadamente a sua acção e a sua luta é um belo exemplo para todos os camaradas camponeses e camponesas.

Também os trabalhadores de Alcanena resolveram lutar contra a crise de trabalho que sacode todos os camponeses do Ribatejo. Juntando-se, mais de 50 camponeses concentraram-se em frente da Câmara e exigiram que fossem abertos trabalhos para os desempregados. Vendo a vontade de luta dos camponeses e a sua unidade as autoridades fascistas resolveram abrir trabalhos de valação onde todos foram empregados. A unidade dos camponeses de ALCANENA, além de lhes ter proporcionado trabalho, permitiu-lhes obter uma jorna de 25\$00—

igual ao salário dos operários de curtumes da sua localidade.

Em MONTEMÓ-O-NOVO, onde é cada vez maior a crise de trabalho, os camponeses fizeram um abaixo-assinado com centenas de assinaturas e apresentaram-na na Casa do Povo e ao delegado do I.N.T. de Évora, exigindo trabalho garantido para todos e uma jorna de 30\$00. Para reforçar esta acção, os camaradas camponeses MONTEMÓR devem fazer-lhe a companhia de concentrações na Casa do Povo e eleger a sua Comissão de Unidade camponesa para os representar junto das autoridades fascistas.

Em LAVRE, um rancho de trabalhadores, que andavam a arrancar cortiça a 4\$50 a arroba por conta do grande agrário fascista António Luís da Veiga, verificaram a dada altura que estavam a ser roubados na pesagem. O lavrador fascista tinha posto na balança o pilão nº 7 em vez do nº 6 que competia. Os trabalhadores protestaram imediatamente contra o roubo de que estavam a ser vítimas e exigiram uma nova balança o que conseguiram. Contudo não souberam manter a sua unidade para exigir a readmissão dum camarada despedido pelo patrão fascista por ter descoberto o roubo, o que constitui um erro que devem corrigir em futuras lutas.

Também em BORBA, um rancho de camponeses que trabalhavam por conta da lavradeira fascista Catarina Leitão, ao serem-lhes dado pão de péssima qualidade, abandonaram o trabalho como protesto e foram junto das autoridades queixar-se daquela exploradora e exigir trabalho.

guarda rural -- guarda dos ricos

Os grandes agrários fascistas que se sentam na Assembleia Nacional e que arrecadam todos os meses nas algibeiras mais três contos de réis arrancados ao suor do nosso povo, só para dizer que sim a Salazar, acabam de fazer mais uma tentativa para a criação da chamada Guarda Rural. Tal como nas campanhas anteriores, a grande imprensa fascista, particularmente « O Século », secundou activamente a acção dos grandes senhores do latifúndio procurando enganar a opinião pública quanto aos verdadeiros objectivos que os animam. São as grandes dificuldades financeiras em que se debatem o salazarismo, a braços com uma grande crise económica para onde atirou o país, e comprometido no financiamento da sua política de guerra, adiou por algum tempo esta realização tão querida dos fascistas. O que é que pretendem a final os grandes agrários fascistas com a criação da Guarda Rural?

No dizer deles trata-se de defender a propriedade rústica contra os roubos e impedir a caça e a pesca ilegais nas zonas de regime florestal. Na realidade, os seus objectivos principais são outros: o que eles pretendem é criar um corpo repressivo, suficientemente armado e brutalizado, para o lançar contra as massas camponesas, sacudidas pela miséria e pela fome.

Não é por acaso que os grandes agrários da Assembleia Nacional fascista levantam a questão da Guarda Rural no momento mesmo em que a maior crise de trabalho de que há memória, sacode os trabalhadores rurais. A perspectiva de grandes lutas de massas camponesas, pressionadas pela fome, assusta os grandes lavradores fascistas, responsáveis com o salazarismo pela grande miséria que reina nos campos. O que os agrários fascistas desejam não é um simples corpo de civis armados, no qual não poderiam depositar confiança, mesmo acilados contra os trabalhadores rurais, seus irmãos, mas sim um corpo « disciplinado e obediente » do tipo da G.N.R., que tão bons serviços está rendendo aos grandes proprietários — como aquela feroz patrulha que, há três anos em Albergaria, obrigou dois trabalhadores a despejarem dois sacos de boleta e a carregarem nos cheios de pedra até ao monte do lavrador, depois de, em vão, terem tentado que eles se agredissem um ao outro. Por outro lado

Em SANTA MARGARIDA (Grândola) todos os camponeses desempregados da localidade juntamente com outros da região de Grândola pediram ao regedor que os acompanhasse afim de reclamarem a abertura de trabalhos para os desempregados, na Câmara do concelho. Como este alegasse afazeres, os camponeses, munidos dum carta do regedor que confirmava a grande crise de trabalho na região, concentraram-se na Câmara de Grândola e no posto da G. N.R. Na Câmara falaram com o tenente da G.N.R. e com o presidente a quem expozeram a situação e exigiram providências. Estes deram passos para resolver a situação mas passados 10 nada havia de novo. Novamente os camponeses se concentraram na Casa do Povo e exigiram que dentro de um curto prazo fossem abertos trabalhos. A luta continua.

Em ERMIDAS, na herdade VARZEA do ROXO, uma comissão de camponeses avistou-se com o agrário António Luís Esteves exigindo em nome dos camaradas o aumento das jornas de 16 para 18\$. Conseguiram 17\$00, o que já foi uma vitória. Como consequência desta acção os camponeses das herdades do Sobral Mendia e Pomarinho obtiveram o mesmo aumento.

Estes exemplos devem ser seguidos, camaradas camponeses e camponesas. Saibamos orientar cada vez melhor as nossas lutas, estreitando mais e mais a nossa UNIDADE e mobilizando um número cada vez maior de trabalhadores. Só desta maneira os exploradores fascistas serão obrigados a ouvir-nos e a solucionar a nossa situação.

os deputados fascistas agrários chegaram a propor um novo imposto sobre a propriedade rústica, destinado a sustentar o corpo da Guarda Rural.

Quer dizer: seria a massa dos pequenos e médios proprietários e rendeiros que pagaria aos mercenários defensores do latifúndio. Contra os maneios dos grandes lavradores, fascistas há que protestar energeticamente, enviando ao governo cartas e representações exigindo que as verbas reclamadas para a criação da Guarda Rural sejam aplicadas na abertura de trabalhos para os desempregados, afim de minorar a fome das famílias camponesas, que só acabará quando o governo salazarista for sacudido do poder.

Atenção as ceitas!

ESTÃO à porta as ceitas, camaradas camponeses e camponesas, e isto quer dizer que temos de nos preparar para fazer frente à exploração dos agrários. As condições que vamos este ano entrar nas ceitas são piores do que nunca pois a longa crise de trabalho e o agravamento geral do custo de vida, atiraram para a maior miséria as famílias camponesas. Os grandes exploradores do suor camponês procurarão aproveitar-se da nossa miséria e jogar com outros tranfos a seu favor para reforçarem o esbaimento das jornas e aumentarem a exploração do nosso trabalho. Devido à ruína política agrária do salazarismo, muitos pequenos e médios proprietários e rendeiros não puderam cultivar as terras e este facto deixa o campo mais livre aos grandes senhores do latifúndio, que estão a reduzir o rendimento ainda mais os cultivos nas suas herdades, para reforçarem a exploração dos camponeses. Assim, a grande redução da área cultivada e as más condições do tempo, além de reduzirem as possibilidades do emprego de braços, facilitarão também a ofensiva dos grandes agrários contra as jornas dos trabalhadores. A isto devemos responder da única forma capaz de fazer recuar os exploradores: reforçar mais e mais a nossa unidade e transformarmos a luta pelo pão dos nossos filhos. Desde já devemos, em cada local, criar as nossas comissões de unidade com os camaradas mais firmes e honestos e, com elas à frente, exigirmos das direcções das Casas do Povo e das autoridades fascistas, trabalho garantido e uma jorna de 30\$00 como já fizeram os camaradas de Montemor. Unidos como um só homem em volta das nossas comissões, não obrigaremos os grandes lavradores a pagarem jorna mais alta do que aquelas que eles se preparam para nos oferecer. Será através das nossas Comissões de Unidade e das Comissões de Praça, que devemos eleger em cada lugar onde existam praças de trabalhadores, que nós ajustemos as contractas com os lavradores e velaremos para que o pagamento das jorna acordadas para cada semana seja cumprido como reza a contracta.

Ao mesmo tempo não devemos afrouxar um só momento a luta contra o desemprego pois os grandes agrários, instalados nas direcções das Casas do Povo, tudo farão para impedir a abertura de trabalhos públicos, com o fim de dispor de mão-de-obra barata para os trabalhos da lavoura. Para conseguirmos os nossos objectivos devemos formar uma sólida barreira contra o jogo dos exploradores, fortalecendo a unidade camponesa em cada região e promovendo os reuniões de delegados camponeses de cada localidade afim de concertarmos acções comuns e estabelecermos as jorna a exigir. Se assim fizermos, as manobras dos agrários falharão e o pão não faltará nas nossas casas.

No próximo número do nosso jornal, que inicia o terceiro ano de publicação, « O CAMPO » apresentará-se com um novo cabeçalho de desenho do camarada Alvaro Cunha, agora caldo nas garras da P.I.D.E.

A redacção apela para que os camaradas camponeses e camponesas continuem a ajudar o seu jornal não só enviando o auxílio financeiro, sem o qual « O CAMPO » não poderá manter-se, como também enviando-nos os seus opiniões e críticas, artigos e sugestões e relatando-nos as suas lutas e problemas. Não te preocupes camarada camponês por não saberes escrever muito bem, ou por não saberes escrever. Escreve-nos como souberes e quizes, mas escreve, camarada camponês, e se não souberes pede a outro camarada que o faça por ti.

PEQUENAS NOTÍCIAS

Nos países da Democracia Popular os povos, quebradas as algemas da reacção e dos monopólios internacionais e liquidados os seus alicerces em cada país, realizam novas conquistas no caminho do bem-estar e do progresso nacional. Um dos factores mais decisivos da prosperidade das Democracias Populares foi, sem dúvida, a realização dum profunda reforma agrária que elevou rapidamente o nível de vida das massas camponesas.

Só na Roménia, onde mais de 70 por cento da população vivia da agricultura, foram expropriadas mais de 1 milhão e 400 mil hectares de terras a 1.141 grandes proprietários e distribuídas a perto de 80.000 famílias camponesas. Os pequenos proprietários participaram também da distribuição das terras, e assim, actual nete, perto de 80 por cento da superfície cultivável do país está dividida em pequenas explorações de 10 hectares. A Roménia como os outros países de Democracia Popular, está a fazer irremediavelmente para o socialismo.

A QUESTÃO ALEMÃ continua a chamar a atenção de todos os povos do mundo. As forças da reacção e da guerra querem fazer renascer das cinzas o militarismo e o nazismo alemães e fazer do povo alemão a TROPA DE CHOQUE CONTRA A U.R.S.S. E OS PAÍSES DA DEMOCRACIA POPULAR. Mas as forças da paz, que ganham terreno dia a dia em todo o mundo e são hoje as más poderosas, fizeram progressos decisivos na Alemanha e são um estorvo aos planos guerreiros dos imperialistas anglo-americanos. O povo alemão sabe hoje quem são os seus verdadeiros amigos. Enquanto nos zonas ocidentais da Alemanha os imperialistas anglo-americanos protegem os chefes nazis e restabelecem os monopólios que alimentaram Hitler, na zona oriental, a União Soviética, limpou a terra alemã dos responsáveis hitlerianos e de todos os criminosos de guerra, no mesmo tempo que desaposou todos os grandes industriais e os grandes senhores da terra (Junker's). MAIS DE 500.000 CAMPONESES ALEMÃES receberam a terra, tirada aos Junker's, das mãos dos ocupadores soviéticos.